

PALITOT, Stella. 2023. Carta 1. *Estruturalismo. Linguisticamente Falando.*

Querida Ana Cristina César,

Sou sua leitora no século XXI. Estou cursando o primeiro período da graduação em Letras - Língua Portuguesa na Universidade Federal da Paraíba, essa carta é uma proposta da disciplina de Fundamentos de Linguística, e estou escrevendo para lhe contar sobre algumas leituras interessantes que fiz sobre o Estruturalismo.

Ana, quando o meu professor propôs essa atividade, sugeri que fosse destinada a um educador, e eu pensei imediatamente em você, por tudo que os seus escritos me ajudaram a compreender no último ano, por mover meus afetos e educar meus sentidos. Além disso, não consigo pensar em outra pessoa que pareça amar as cartas tanto quanto eu.

As suas correspondências publicadas e os poemas que evocam cartas – subvertendo o tom confessional do qual costumam *acusar* as mulheres, valendo-se brilhantemente dos disfarces ficcionais para isso –, me fazem pensar na sua obra como uma literatura de missivas líricas e endereçamentos misteriosos.

Você não foi minha professora no sentido tradicional, mas foi professora, licenciada em Letras Português – Literatura, pesquisadora, tradutora e escritora, e, com os seus múltiplos ofícios, ensina até hoje. Ana, a sua relevância não se esgota, e como exímia profissional das Letras que foi, acredito que acharia interessante discutir o Estruturalismo, nas perspectivas linguística e literária.

Diante de tantos motivos, não poderia ser outro o destinatário desta carta. Logo no início dos meus estudos tive uma enorme surpresa, folheando minha edição de “A teus pés”, encontrei uma nota de rodapé que dizia que o seu último ano na graduação em Letras (1975) ficou marcado pela querela entre estruturalistas e não-estruturalistas, que essa disputa extrapolou os muros da universidade e que você se manifestou sem tomar partido de nenhum dos lados, no Jornal “Opinião” (CESAR, 2016, p. 129-130). Que incrível coincidência.

Ana, estamos em 2021 e, como diria um querido professor, eu não sou nenhum *alecrim dourado* para afirmar o que você pensaria hoje sobre o estruturalismo e seu ensino, só posso presumir que você entenderia a necessidade de conhecer mais a fundo uma teoria antes criticar o seu teor e as suas aplicações. É apenas um palpite, claro, mas a sua “primeira lição” (CESAR, 2016, p. 62), que traz conceitos de teoria literária para dentro do poema,

mesmo que de maneira irônica, e ainda que você estivesse concentrada na literatura, faz suspeitar que você encontrava algum valor nas teorias.

Sendo assim, querida Ana, gostaria de falar um pouco sobre o texto intitulado “Estruturalismo”, escrito por Marco Antônio Costa e presente no livro “Manual de Linguística” organizado por Mário Eduardo Martelotta. Um dia você escreveu “Por que essa falta de concentração? Se você me ama, por que não se concentra?”, e essa lição que equipara o amor à concentração ainda ecoa. A atenção qualificada é mesmo um requisito para os sentimentos mais fortes e para o conhecimento mais profundo.

O Estruturalismo se concentra, Ana, e foi por isso que a Linguística pôde se desenvolver como ciência autônoma, concentrando-se na língua (*langue*) como objeto. Marco Antônio Costa demonstra que, através das ideias de Ferdinand de Saussure, registradas por seus discípulos Charles Bally e Albert Sechehaye, no Curso de Linguística Geral, foi possível identificar a língua como um sistema, e seus sucessores puderam analisar como esse sistema se estrutura. Por isso a denominação Estruturalismo, além disso, o autor explicita as dicotomias estruturalistas, que sistematizam esse pensamento científico.

Concentremos-nos nos principais pontos do texto, para que possamos entender as ideias de Saussure e a estrutura que foi criada a partir delas. A premissa da qual partimos é a de que o que regula o funcionamento do sistema linguístico são as normas que internalizamos desde muito cedo por meio da interação social e que começam a se manifestar na fase de aquisição de linguagem, independentemente da matéria da qual a língua é formada. Portanto, a abordagem estruturalista entende que a língua é a forma (estrutura), e não a substância.

É neste sentido que se concebe o estudo imanente da língua, ou seja, o estudo exclusivo das relações internas à língua, sem considerar a sua relação com outras variáveis e uma visão holística das manifestações da língua no mundo:

Essa concepção de linguagem tem como consequência um outro princípio do estruturalismo: o de que *a língua deve ser estudada em si mesma e por si mesma*. É o que chamamos *estudo imanente da língua*, o que significa dizer que toda preocupação extralinguística precisa ser abandonada, uma vez que a estrutura da língua deve ser descrita apenas a partir de suas relações internas. (MARTELOTTA, 2021, p. 115).

Ana, eu sei que, compenetrada na produção literária, na distensão da língua e no estiramento da palavra, essa premissa pode não parece muito promissora, mas delimitar um objeto de estudo e o estudo imanente da língua podem ser muito importantes para dilatar a linguagem posteriormente. Por isso é essencial entendermos as dicotomias enquanto conceitos basilares organizados em pares opositivos.

A língua ou *langue* é a manifestação social da linguagem (*language*), a fala ou *parole* é a sua manifestação individual e não é possível separá-las. A língua é um sistema utilizado pelos membros de uma comunidade e a fala é o uso individual desse sistema. Assim, Saussure delimitou a língua como objeto de estudo da linguística, por ser um tesouro depositado virtualmente nos cérebros dos indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade linguística e que não pode ser modificado individualmente.

Outra dicotomia importante é a da *sincronia* e *diacronia*, a primeira diz respeito ao estudo de um determinado estado da língua em um momento específico, e a segunda se relaciona ao estudo comparativo entre diferentes períodos de evolução histórica de uma língua. O estruturalismo prioriza o estudo sincrônico, pois, como explica o autor, para os falantes, a realidade da língua é o seu estado sincrônico:

embora não sejam muitos os falantes conhecedores profundos da evolução histórica da língua que utilizam, todos nós demonstramos dominar, ainda na infância, os princípios sistemáticos, as regras da língua que ouvimos à nossa volta. A descrição linguística sincrônica tem por tarefa formular essas regras sistemáticas conforme elas operam num momento (estado) específico, independentemente da combinação particular de movimentos (das mudanças) já ocorridos (MARTELOTTA, 2021, p. 118).

Com um sistema linguístico estabelecido, foi necessário nomear os seus componentes. O *signo* é essa unidade constituinte do sistema linguístico, ele é formado por duas partes ou faces psíquicas, ligadas em nosso cérebro por um vínculo de associação: o *significante*, que é a imagem acústica, uma impressão psíquica do som, e o *significado*, que é o conceito, expressa o sentido de uma representação.

O signo linguístico, por ser a unidade essencial do sistema, traz consigo importantes discussões ontológicas. E é aqui, querida Ana, que continuamos um debate que se registra desde a Grécia Antiga, sobre a naturalidade ou convencionalidade dos signos. Saussure estabelece a arbitrariedade do signo, para ele os signos são convenicionados coletivamente e não existe uma relação natural entre o significante e o significado, o que não implica em uma escolha livre de parâmetros e motivações pelo falante individualmente, pois a língua é social e não está ao alcance do indivíduo promover mudanças nesse sistema, ademais, a arbitrariedade também pode ser limitada por associações e motivações relativas.

Portanto, é importante saber como as unidades do sistema linguístico se relacionam, e para isso tem-se a dicotomia entre *paradigma* e *sintagma*. A linguagem se constitui por meio da disposição de signos linguísticos uns após os outros, é o chamado caráter linear da linguagem articulada, explicado pelo autor:

Uma frase, por exemplo, é constituída por um certo número de signos linguísticos que são apresentados em linha, no tempo, um após o outro. Sabemos, contudo, que, por se tratar de um instrumento de comunicação, a frase deve ser construída de acordo com determinadas regras. Por isso mesmo, a distribuição das palavras (dos

signos) não ocorre de maneira aleatória, e sim pela exclusão de outros possíveis arranjos distribucionais (MARTELOTTA, 2021, p. 120).

Assim, as relações sintagmáticas correspondem às diversas possibilidades de combinação no nível do sintagma, essas combinações ocorrem no nível fonológico, morfológico e sintático, e dizem respeito a relações *in praesentia*, entre termos antecedentes ou subsequentes que estão presentes no mesmo contexto sintático.

Por outro lado, as relações paradigmáticas se relacionam às ausências (relações *in absentia*), na medida em que uma determinada escolha na estrutura de combinações implica na renúncia em relação a outras, assim como possibilita sua associação à unidades semelhantes e engendra possíveis substituições, o que, conforme o autor, evidencia o caráter estrutural da língua, pois

Esses fatos nos permitem compreender melhor o porquê da língua ser um sistema, uma estrutura, e não uma mera reunião de elementos. Adotando uma perspectiva estruturalista, podemos afirmar, então, que o que permite o funcionamento da língua é o sistema de valores constituído pelas associações, combinações e exclusões verificadas entre as unidades linguísticas (MARTELOTTA, 2021, p. 122).

Ana, penso que as tuas escolhas de palavras, interrupções e ausências na função poética guardavam uma inteligência profunda sobre as relações sintagmáticas e paradigmáticas.

Acredito que os conceitos essenciais sobre o estruturalismo dos quais tratei até aqui podem ser complementados por questões levantadas por José Luís Fiorin no seu texto “Teoria dos signos”, presente no livro “Introdução à linguística: objetos teóricos”, organizado pelo mesmo autor. Fiorin trata da composição e do valor dos signos, das suas características e classificação, pois é no signo que se funda o sistema linguístico, por isso acho que devemos nos concentrar nele.

Inicialmente o autor conceitua os signos como etiquetas colocadas nas coisas, e diz que

A atividade linguística é uma atividade simbólica, o que significa que as palavras criam conceitos e esses conceitos ordenam a realidade, categorizam o mundo.

[...]

O valor de um signo é dado por outro signo. Além disso, um signo é sempre interpretável por outro signo: no interior do mesmo sistema pelos sinônimos, pelas paráfrases, pelas definições; em outro sistema, em outra língua, por exemplo, pela tradução (FIORIN, 2010, p. 56).

Desse modo, observa-se um estudo mais detalhado dos signos, se aprofundando no campo semântico e estabelecendo que os significados são compostos por traços funcionais. Fiorin destaca a noção de valor do signo, ao considerá-lo não apenas em si mesmo, mas em seus contornos, conforme as relações que estabelece com outros signos.

Por isso o autor trata do linguista dinamarquês Hjelmslev, que incorpora essa noção de valor ao signo ao dizer que ele se constitui na união entre um plano de conteúdo e um

plano de expressão, e que cada um desses planos compreende dois níveis, a forma e a substância. Conforme as ideias de Hjelmslev, “A forma da expressão são diferenças fônicas e suas regras combinatórias; a forma do conteúdo são diferenças semânticas e suas regras combinatórias; a substância da expressão são os sons; a substância do conteúdo, os conceitos.”(FIORIN, 2010, p. 59).

Esse pensamento implica no signo como resultado dos processos de significação e na ideia de que, se produzimos significação por meio da fala não apenas quando enunciamos os signos mínimos, mas também quando produzimos frases ou textos, toda produção humana que possui sentido pode ser chamada de signo.

Aprofundando-se no estudo do signo em sua significação, voltamos à querela entre arbitrariedade e motivação, dessa vez para tratar da função poética, Ana, possivelmente um ponto nevrálgico para você. Fiorin diz que

É na poesia, no entanto, que a motivação do signo aparece em toda sua força. O poeta busca motivar a relação entre o significante e o significado. Essa motivação não aparece no nível do signo mínimo, mas no do signo-texto. Por isso, no texto poético, o plano da expressão serve não apenas para veicular conteúdos mas para recriá-los em sua organização. O material sonoro contribui para produzir significação, o plano da expressão é colocado em função do conteúdo. Os elementos da cadeia sonora lembram, de algum modo, o significado presente no plano do conteúdo (FIORIN, 2010, p. 63).

Dessa maneira, o autor estabelece uma intenção do signo quando a função poética predomina no contexto, o que foge ao estudo imanente da língua típico do estruturalismo. Aqui, Ana, preciso referenciar uma aula do Professor Paul Fry na Universidade de Yale sobre Linguística e Literatura (UNIVESP, 2012), que, ao tratar do trabalho de Roman Jakobson, afirma que o linguista expôs um nervo do Estruturalismo ao estabelecer uma relação de oposição entre a função metalinguística e a função poética.

Ele fundamenta a função poética na ideia de intenção, o que pode representar uma objeção ao imperativo estruturalista de um sistema que desconsidera as intenções e uma causalidade positiva na gênese da linguagem. A função poética, portanto, subverte essa lógica, ao utilizar um sistema de possibilidades virtual (eixo de seleção) para formar suas sequências reais (eixo de combinação).

Neste sentido, Paul Fry afirma que “a função poética projeta o princípio da equivalência do eixo de seleção para o eixo de combinação” (UNIVESP, 2012, 27’42”), esse princípio da equivalência diz respeito às relações de proximidade e distância estabelecidas entre os signos, ou, como explicitado por Fiorin, à motivação no nível do signo-texto, e ao conceito de valor de um signo que é dado por outro signo.

Ainda, Paul Fry conclui que “o princípio da função poética pode ser compreendido como a metaforização do que seria, de outro modo, metonímico” (UNIVESP, 2012, 30’51”).

Quanto a esse assunto, Fiorin explica que “Para criar um signo conotado, é preciso que haja uma relação entre o significado que acrescenta e o significado já presente no signo denotado”(FIORIN, 2010, p. 66), ou seja, é necessária uma sobreposição de significados denotativos e conotativos, e dois dos mecanismos principais de conotação são justamente a metáfora e a metonímia.

Fiorin ainda diz que “Na linguagem poética, explora-se toda a força da conotação para criar efeitos de sentido” (FIORIN, 2010, p. 66). Aqui, Ana, entendemos a subversão da função poética que transfigura as estruturas.

Indico a leitura desses textos para a compreensão dos dogmas estruturalistas essenciais e para uma imersão no conceito do signo em suas significações mais profundas, acredito que são leituras de grande valia também para a escrita literária.

Ana, posso imaginar os debates acadêmicos sobre Estruturalismo na década de 70, as questões da geração mimeógrafo, e a sua singularidade em meio a tudo isso. Como havia dito, a sua relevância não se esgota, a sua arte singular fez com que entendessem a importância de preservar a sua memória, assim como os discípulos de Saussure fizeram pelas ideias dele. Enquanto estudamos o sistema saussuriano e analisamos as estruturas, alguns seguem tentando decodificar os seus métodos, tão firmemente ancorados na função poética, mas “é sempre mais difícil ancorar um navio no espaço” (CESAR, 2016, p. 61).

É sempre bom te encontrar, querida Ana. Com afeto,

Stella Palitot

João Pessoa, 10 de outubro de 2021.

Referências:

CESAR, Ana Cristina. **A teus pés**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

COSTA, Marco Antônio. Estruturalismo. IN: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. 2a edição. São Paulo: Contexto, 2021. p. 113-126.

FIORIN, José Luís. Teoria dos signos. IN: FIORIN, José Luís (org.). **Introdução à linguística**: objetos teóricos. 6 ed. rev. e atualizada. São Paulo: Contexto, 2010. p. 55-74.

UNIVESP. **Introdução à Teoria da Literatura #9 com Paul Fry, de Yale**. New Heaven, Universidade de Yale, 2009. 1 vídeo (49 min 53 seg). Publicado pelo canal UNIVESP, 2012.

Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=781kimxUF2o&list=PLF68A79106F49971A&index=9>> . Acesso em: 04 out. 2021.